



## ESCOLHAS ESCOLARES DOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR: PERFIS E DIFERENCIAÇÃO SOCIAL

**Edgar Essuvi de Oliveira Jacob**

essuviedgar@hotmail.com

### **Resumo**

Neste artigo, analisaremos as escolhas escolares dos estudantes que ingressam no ensino superior. Para tal convocam-se um conjunto de dados recolhidos a partir de uma amostra de 973 questionários aplicados a estudantes de licenciatura do 1º ano distribuídos por 4 instituições de ensino superior localizadas nas províncias da Huíla e Luanda.

Os dados analisados indicam que a escolha da área de formação é marcada por processos de elitização em função das origens sociais e das trajetórias escolares. Quanto mais elevado for o capital económico e escolar da família de origem, maior é a percentagem de estudantes que opta por áreas mais prestigiadas, como ciências, engenharias e tecnologias. A opção por ciências da educação é mais frequente entre os estudantes detentores de

um percurso escolar marcado por múltiplas interrupções e reprovações.

**Palavras-chave:** escolhas escolares, ensino superior, estudantes universitários.

### **Abstract**

In this article, we are going to analyse students' school choices at higher education. For that we came up with some data chosen from a sample of 973 questionnaires that were applied to students from the 1st year distributed in 4 higher education institutions from 2 provinces namely Huíla and Luanda.

The analysed data show that the choice of training area is marked by the process of elitisation according to social origins and school trajectories. The higher the economical capital and scholar of the origin family, the higher the percentage of students that choose more prestigious areas,

like science, engineering and technology. The options for education science is more frequently among students who have multiple interruptions and failuers.

**Keywords:** school choices, higher education, university students.

## 1. Introdução

A implementação do ensino superior em Angola ocorreu em 1962, durante a vigência do regime colonial. Neste período o acesso ao ensino superior era condicionado pela classe social de origem, cor da pele, local de nascimento (Portugal Continental/ Luanda/interior de Angola) e meio de residência (CARVALHO, 2012).

Com a proclamação da independência foram incrementadas várias reformas educativas no sentido de diminuir as desigualdades de oportunidade no acesso à universidade. Deste modo, registou-se a nível nacional uma forte expansão da rede pública de instituições de ensino superior. Esta expansão permitiu um crescimento exponencial do número de estudantes oriundos dos mais variados estratos sociais. Dados disponíveis indicam que em 2016 estavam matriculados 241.284 estudantes, sendo 54,8% do sexo masculino e 45,2% do sexo feminino. Aliado a este crescimento da população estudantil observa-se igualmente a criação de novos cursos enquadrados nas mais variadas áreas do saber (MES, 2016).

O processo de reforma e expansão do ensino superior não eliminou totalmente o impacto das desigualdades sociais no acesso ao ensino superior. Apesar de existirem instituições estatais nas 18 províncias que compõe o território nacional, a oferta curricular é mais diversificada nas grandes cidades do país, nomeadamente, Luanda, Benguela, Huíla, Huambo e Cabinda.

Neste artigo, procura-se analisar as escolhas escolares dos estudantes que ingressam no ensino superior. Especificamente, pretende-se responder as seguintes questões: i) A escolha da área de formação é diferenciada em função da origem social e da composição sexual dos estudantes? ii) Que relações existem entre as trajetórias escolares pré-ensino superior e a escolha da área de formação?

## 2. Revisão da literatura

No ensino superior, os estudantes têm a possibilidade de realizar uma pluralidade de escolhas. No entanto, a existência desta pluralidade de escolhas não subentende que elas estão disponíveis a todos, ou que todos estudantes tomam total consciência do leque de alternativas factíveis. Por esta razão as escolhas tendem, com grande frequência, a ser segmentárias para o

indivíduo, ou seja, “os modos de ação seguidos num determinado contexto poderão variar mas ou menos substancialmente noutros contextos” (GIDDENS, 1994: p. 74-75).

Assim, estudos empíricos sobre as escolhas no ensino superior realizados nos países desenvolvidos demonstram uma relação entre as escolhas escolares e a classe social de origem. Por outras palavras, as famílias de classe média e operária têm capacidades e inclinações diferentes no que concerne às escolhas escolares, e que, quando uma escolha é possível, a classe média tira vantagem. Não havendo uma política oficial de escolha, ela utiliza “competências e capitais” que lhe são próprios para “fazer” escolhas através de “comportamentos oportunistas” (BALL, 2011: p. 114). Para VAN ZANTEN (2007), as escolhas educativas das famílias de classe alta e média estão fortemente relacionadas aos valores e objetivos educativos que as animam, ou seja, estas famílias, optando por uma lógica individualista de dominante instrumental, escolhem ambientes escolares pouco misturados socialmente.

Na Alemanha, os estudos concluem que as escolhas dos estudantes que acedem ao ensino superior são marcadas por uma elevada diferenciação vertical e horizontal, com base na classe social (REIMER e POLLAK, 2005; DURU-BELLAT *et al.*, 2008). A diferenciação vertical opõe as universidades tradicionais às universidades de ciências aplicadas. Esta oposição é verificada na duração do tempo da formação e na composição da população académica. Assim, nas universidades tradicionais predominam cursos de longa duração, frequentados, maioritariamente, por jovens de elevadas origens sociais. Em contrapartida, as universidades de ciências aplicadas oferecem cursos de menor duração, acedidos frequentemente pelos descendentes das classes populares. A diferenciação horizontal diz respeito à procura diferenciada das várias áreas de formação, em função da origem social (REIMER e POLLAK, 2005).

Autores como SIANOU-KYRGIU e TSIPLAKIDES (2011); BALSÀ *et al.* (2001) salientam que a escolha no ensino superior não é um processo simples, mas um processo onde interagem vários fatores, como por exemplo as diferenças de classe. Neste sentido, estudos que abordam o impacto dos constrangimentos financeiros sobre as escolhas escolares revelam que a escolha dos estudantes provenientes das classes operárias é fortemente condicionada pela condição financeira das suas famílias. Para estes estudantes, o facto de ingressarem no ensino superior é já uma “vitória” e representa uma ascensão social em relação à sua base de origem. Na perspetiva de BALSÀ *et al.*, (2001: p. 81), os fatores que delimitam a candidatura destes estudantes ao ensino superior estão mais próximos a um perfil que atende à “viabilidade

económica”, sendo que as suas escolhas estão relacionadas a fatores como a “proximidade das instituições”, os “custos de frequência” ou a “facilidade de entrada”.

À semelhança de outros contextos, nos países em desenvolvimento, como por exemplo no Brasil, as escolhas dos estudantes que acedem ao ensino superior são marcadas por uma forte elitização dos cursos e das instituições de ensino, associadas à desigualdade de classe, à baixa oferta de vagas na rede pública, e ao reduzido número de vagas em determinadas áreas de formação (PINTO, 2004; NETO, 2014 e VIANA, 2000). Assim, os estudantes provenientes das famílias de maiores recursos (económicos e culturais) frequentam instituições públicas (mais conceituadas), ao passo que os estudantes das classes desfavorecidas concentram-se em instituições privadas de menor prestígio (PINTO, 2004; NETO, 2014). Relativamente à distribuição dos estudantes pelas diferentes áreas de formação, verifica-se a existência de uma elitização de cursos. Neste sentido, os filhos das classes de maiores capitais optam por cursos mais cotados na escala de prestígio, nomeadamente medicina, direito, engenharia de construção, administração e jornalismo. Em contrapartida, cursos de menor prestígio, como pedagogia e matemática, são maioritariamente frequentados por estudantes dos setores sociais com menos recursos (PINTO, 2004: p. 744).

Em relação a Angola verifica-se também que as escolhas dos estudantes que ingressam nas instituições de ensino superior são caracterizadas por elevados níveis de elitização, decorrentes, à semelhança do Brasil, da desigualdade de classe, do reduzido número de vagas na rede pública e da inexistência de determinados cursos. Assim, as classes desfavorecidas concentram-se em instituições privadas de menor prestígio<sup>1</sup>. Neste sentido, KANDINJI (2016) reconhece que os filhos das famílias desfavorecidas que acedem às instituições privadas de ensino superior em Angola delimitam as suas escolhas mediante fatores como: facilidade de ingresso em consequência da reduzida oferta na rede pública; proximidade da zona de residência e única instituição com o curso desejado. Em relação à escolha do curso, os estudantes das classes populares referem que se orientam por fatores como o desejo de frequentar o curso dos seus sonhos, necessidade de dar continuidade à área de formação do ensino secundário e interesse em satisfazer as expetativas dos pais.

---

<sup>1</sup> Segundo CARVALHO (2012: p. 63-64), de uma maneira geral a qualidade de ensino destas instituições é baixa. Para tal concorrem fatores como: ausência de bibliotecas e laboratórios de ensino; deficiente aposta na formação do corpo docente; Inadaptação dos programas curriculares face às necessidades do país; impunidade académica face à fraude; promoção da corrupção nas suas distintas formas entre outras.

### 3. Notas metodológicas

Para a operacionalização da presente pesquisa adotou-se uma estratégia metodológica de tipo extensivo baseada na aplicação 973 questionários a estudantes de licenciatura do 1º ano de duas universidades públicas angolanas, nomeadamente, a Universidade Agostinho Neto (UAN) a funcionar em Luanda e na província do Bengo (com sede em Luanda), e a Universidade Mandume ya Ndemufayo (UMN) abarcando as províncias da Huíla e Namibe (com sede no Lubango). Também foram inquiridos os estudantes do 1º ano de licenciatura de dois Institutos Superiores de Ciências da Educação (ISCED de Luanda e ISCED da Huíla) (ver tabela 1). Trata-se de 4 amostras intencionais, sendo que o principal critério de diversificação foi as cidades em que se encontram sedeadas as referidas instituições de ensino (Luanda e Huíla).

Tabela 1 - Número de estudantes inquiridos por instituição de ensino

Cidades	Instituições	N	%
Luanda	Universidade Agostinho Neto	305	31,3
	Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda	207	21,3
Huíla	Universidade Mandume Ya Ndemufayo	255	26,2
	Instituto Superior de Ciências da Educação de Huíla	206	21,2
	Total geral	973	100,0

Fonte: (Elaboração própria).

A escolha das províncias de Luanda e da Huíla para a realização do estudo deve-se ao peso que ambas as províncias têm na distribuição da rede de instituições de ensino superior (sendo 53% para a província de Luanda e 8% para a província da Huíla).

Na constituição da amostra tomou-se como principal critério a inclusão de todos os cursos de licenciatura lecionados apenas no período regular, tanto em ambas as universidades (Universidade Agostinho Neto e Universidade Mandume Ya Ndemufayo), como em ambos os Institutos Superiores de Ciências da Educação (Luanda e Huíla), respetivamente. Os cursos incluídos na amostra foram agregados em 4 áreas: 1) Ciências humanas, sociais, artes e letras; 2) Ciências médicas, de saúde e tecnologia de saúde; 3) Ciências, engenharias e tecnologias; 4) Ciências da educação.

Para efeitos de análise, o questionário aplicado contemplou um conjunto de indicadores relativos à composição sexual dos estudantes, caracterização familiar no que diz respeito à classe social e a escolaridade atingida. Foram ainda analisados dados relativos às trajetórias e escolhas escolares, especificamente subsistema de formação frequentado pelos

estudantes no 2º ciclo do ensino secundário, reprovações ao longo do percurso escolar bem como as razões mais importantes invocadas para a escolha do curso e da instituição de ensino superior.

A aplicação do questionário decorreu entre os meses de Fevereiro e Maio de 2015. Após a recolha dos dados procedeu-se ao tratamento dos mesmos através do *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS).

#### 4. Escolha da área de formação e da instituição de ensino superior: fatores e perfis sociais

A escolha da área de formação e da instituição de ensino superior não é um processo simples, pois nele interagem vários fatores. Se, por um lado, os estudantes são racionais na medida em que ponderam o custo, benefício e riscos das opções disponíveis (BOUDON, 1981), por outro lado, são influenciados pelos respetivos contextos sociais e culturais (BOURDIEU e PASSERON, 2006), bem como pela oferta de vagas.

No que concerne às áreas de formação escolhidas pelos estudantes, destaca-se, em primeiro lugar, as ciências da educação com 42,4% dos inquiridos; seguem-se as ciências, engenharias e tecnologias, eleitas por 28,6% dos estudantes; em terceiro lugar, as ciências humanas, sociais, artes e letras com cerca de 24,7% dos discentes e, por último, as ciências médicas de saúde e tecnologia de saúde com 4,3% dos estudantes. Cabe destacar que não se trata de um estudo representativo, de modo que os dados indicados estão diretamente com o critério de amostragem empregue.

Tabela 2 - Áreas de formação escolhidas pelos estudantes (%)

Áreas de formação	%
Ciências da educação	42,4
Ciências, engenharias e tecnologias	28,6
Ciências humanas, sociais, artes e letras	24,7
Ciências médicas de saúde e tecnologia de saúde	4,3
Total (N=973)	100,0

Fonte: (Elaboração própria).

Procurámos analisar as três razões mais assinaladas pelos estudantes para a escolha da área de formação que frequentavam no momento do inquérito. Assim, os discentes de áreas como ciências humanas, sociais, artes e letras, bem como os de ciências médicas, da saúde e

tecnologia da saúde, convergem ao assinalar que a escolha das referidas áreas baseou-se principalmente nos três seguintes fatores: boas saídas profissionais; possibilidade de exercer uma carreira profissional interessante e desenvolvimento intelectual proporcionado por essas áreas.

Quanto aos estudantes de ciências, engenharias e tecnologia, bem como os de ciências da educação, demarcam-se dos seus pares por considerarem que ao escolherem as respectivas áreas de formação orientaram-se pelo desejo de aprofundar uma área de conhecimento interessante. Contudo, assemelham-se aos seus pares ao referirem que as suas escolhas basearam-se no fator “boas saídas profissionais” (no caso dos discentes de ciências, engenharias e tecnologia), e no fator “desenvolvimento intelectual que o curso proporciona” (ressaltado pelos estudantes de ciências da educação).

Também analisámos as razões que orientaram a escolha da instituição de ensino superior em função das áreas de formação dos estudantes. Neste sentido, com base nas 3 razões mais assinaladas, construímos uma tipologia composta por 3 *perfis de escolha institucional*, nomeadamente:

1. *Escolha racional e distintiva* – os estudantes com este perfil apontam, de forma mais acentuada, que a escolha da instituição baseou-se na reputação e prestígio da mesma, no reduzido custo das despesas com formação, bem como na qualidade do curso na instituição. Este perfil é observado entre os estudantes que frequentam a área de ciências humanas, sociais, artes e letras.

2. *Escolha obrigatória e distintiva* – este perfil demarca-se do anterior, por um lado, pela obrigatoriedade da escolha, isto é, a instituição escolhida é a única com o curso desejado. Por outro lado, pela qualidade do corpo docente da instituição. No entanto, assemelha-se ao perfil anterior pela reputação e prestígio da instituição. Este perfil concentra os discentes que acederam à área de ciências médicas, de saúde e tecnologia de saúde.

3. *Escolha racional, obrigatória e distintiva* – os estudantes com este perfil referem, com maior realce, que a escolha da instituição teve como base fatores como: reduzido custo das despesas com a formação, única com o curso desejado e reputação e prestígio da instituição. Apresentam este perfil os estudantes que frequentam áreas como ciências, engenharias e tecnologias, bem como os de ciências da educação.

Estes resultados confirmam o carácter dinâmico das escolhas dos estudantes, podendo os mesmos convergir ou divergir em alguns dos principais motivos que orientaram tanto a escolha da área de formação como da instituição de ensino superior que frequentam. Por esta

razão, reiteramos a necessidade de adoção de uma abordagem multidimensional de análise das escolhas, contemplando tanto dimensões que remetem para a racionalidade, como para os respetivos contextos sociais e culturais, e ainda para a composição da oferta.

### **5. Escolha da área de formação, composição sexual e origens sociais**

De forma a complementar a análise das áreas de formação escolhidas pelos estudantes procedemos ao cruzamento desta variável com a composição sexual dos estudantes e respetivas origens de classe e educacionais.

A distribuição das áreas de formação escolhidas pelos estudantes em função do sexo revela que os rapazes escolhem, preferencialmente, a área das ciências, engenharias e tecnologia. Em contrapartida, as raparigas escolhem de forma mais acentuada ciências médicas, de saúde e tecnologia de saúde (tabela 3). Este dado está em linha com os resultados de outros estudos (SILVA, 1999). Um outro resultado que merece particular destaque é a maior adesão dos rapazes, comparativamente às raparigas, à área das ciências da educação. Tal facto deve-se à especificidade do contexto angolano em que a oferta formativa é maior na referida área. Deste modo, face ao reduzido número de vagas disponíveis em áreas “tradicionalmente masculinas”, como, por exemplo, ciências, engenharias e tecnologia, alguns rapazes redirecionam as suas escolhas para as ciências da educação. É importante referir que a masculinização dessa área contrasta com a realidade verificada tanto em países desenvolvidos como noutros países em desenvolvimento (CASEIRO, 2016; CUPITO e LANGSTEN, 2011; MACHADO *et al.*, 2003; TILAK, 2015).

Uma leitura mais fina da tabela 3 permite ainda identificar diferenças na composição sexual dos estudantes de ciências humanas, sociais, artes e letras. Por outras palavras, é no caso das mulheres em que a representatividade é bastante superior (em quase 10%) ao peso geral, enquanto no caso dos rapazes é quase 10% inferior ao peso geral.



Tabela 3 - Áreas de formação escolhidas, por sexo (%)

Áreas de formação	Sexo		
	Masculino	Feminino	Total
Ciências Humanas, Sociais, Artes e Letras	50,8	49,2	100,0
Ciências Médicas, de Saúde e Tecnologia de Saúde	33,3	66,7	100,0
Ciências, Engenharias e Tecnologias	75,2	24,8	100,0
Ciências da Educação	58,6	41,4	100,0
Total (N=973)	60,3	39,7	100,0

Fonte: (Elaboração própria).

A análise da escolha da área de formação em função da classe social de origem (tabela 4) confirma a tese solidamente comprovada noutros estudos de que as escolhas dos estudantes que acedem ao ensino superior são marcadas por uma elevada diferenciação com base na origem de classe (BOURDIEU e PASSERON, 2006; PINTO, 2004; REIMER E POLLAK, 2005; WIESE *et al.*, 2009 entre outros). Os estudantes oriundos de famílias de profissionais técnicos e de enquadramento escolhem, preferencialmente, áreas de maior prestígio. Ou seja, representam 74,3% do total de estudantes de ciências médicas, de saúde e tecnologias de saúde, 50,9% dos discentes de ciências humanas, sociais, artes e letras e 45,5% do total de estudantes de ciências, engenharias e tecnologia.

No caso dos estudantes oriundos de famílias de trabalhadores independentes, a tabela 4 demonstra que sua representatividade é bastante superior em ciências da educação, sendo 10% acima do peso geral.

Tabela 4 - Escolha da área de formação segundo a classe social de origem (%)

Áreas de formação	Lugares de classe do grupo doméstico de origem					
	EDL	PTE	TI	EE	OI	Total
Ciências Humanas, Sociais, Artes e Letras	17,2	50,9	23,7	3,0	5,3	100,0
Ciências Médicas, de Saúde e Tecnologia de Saúde	17,1	74,3	5,7	-	2,9	100,0
Ciências, Engenharias e Tecnologia	17,8	45,5	25,2	4,0	7,4	100,0
Ciências da Educação	16,3	33,7	39,3	2,0	8,7	100,0
Total (N=658)	17,0	43,9	29,2	2,7	7,1	100,0

Legenda: EDL - Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais; PTE - Profissionais Técnicos e de Enquadramento; TI - Trabalhadores Independentes; EE - Empregados Executantes; OI - Operários Industriais.

Fonte: (Elaboração própria).

De referir que a menor orientação dos estudantes oriundos dos meios populares para as áreas de maior prestígio está, provavelmente, associada ao fato destes, comparativamente aos seus pares, terem obtido menores classificações aquando da realização do exame de ingresso para os respetivos cursos. Por outras palavras, as famílias de empresários, dirigentes e profissionais liberais, por um lado, e as de profissionais técnicos e de enquadramento, por outro lado, têm maiores recursos para inscrever os seus filhos em cursos de preparação para o exame de acesso em áreas de maior prestígio o que eleva as probabilidades de ingresso. A tradição familiar pode também exercer influência sobre este tipo de escolha.

Também procurámos verificar se existe uma relação entre a escolha da área de formação e o nível de escolaridade dos progenitores dos estudantes (tabela 5). Os resultados obtidos estão em linha com o padrão verificado anteriormente. Os estudantes oriundos de famílias com elevado nível de escolaridade (ensino superior) optam, preferencialmente, por áreas de formação mais prestigiadas, relegando para última escolha ciências da educação. Relativamente aos estudantes descendentes de famílias menos escolarizadas (com o ensino primário e o 1º ciclo do ensino secundário) constata-se que em ambos os casos a percentagem de estudantes que frequentam a área de ciências da educação é ligeiramente superior ao peso geral dos referidos grupos.

Face a estes dados, podemos dizer que a escolha da área de formação é também condicionada pela origem socioprofissional e socioeducacional dos estudantes, levando à

elitização de determinadas áreas. A continuação da expansão da rede de instituições de ensino superior, o alargamento do número de vagas em áreas mais elitizadas e a implementação de programas de quotas para as referidas áreas são exemplos de políticas públicas que podem contribuir para atenuar estas desigualdades.

Tabela 5 - Escolha da área de formação, segundo o nível de escolaridade da família de origem (%)

Áreas de formação	Níveis de escolaridade de origem				Total
	Ensino primário	1.º Ciclo do ensino secundário	2.º Ciclo do ensino secundário	Ensino superior	
Ciências Humanas, Sociais, Artes e Letras	5,8	18,7	31,0	44,4	100,0
Ciências Médicas, de Saúde e Tecnologia de Saúde	2,8	8,3	25,0	63,9	100,0
Ciências, Engenharias e Tecnologia	11,8	24,1	27,2	36,9	100,0
Ciências da Educação	19,2	27,3	30,6	22,9	100,0
Total (N= 673)	12,8	23,2	29,4	34,6	100,0

Fonte: (Elaboração própria).

## 7. Área de formação e percursos escolares

A análise da relação entre as áreas de formação escolhidas pelos estudantes inquiridos aquando do ingresso na universidade e o subsistema de ensino por eles frequentado no 2º ciclo do ensino secundário revela que, grande parte dos estudantes que frequentaram o subsistema de ensino geral no 2º ciclo do secundário optaram pelas áreas das ciências médicas, de saúde e tecnologia de saúde (73,8%), ciências humanas, sociais, artes e letras (67,1%). Em contrapartida, a opção por ciências, engenharias e tecnologia tende a ser mais frequente entre os estudantes oriundos do ensino técnico profissional (56,8%). Uma análise mais fina do referido quadro permite constatar uma presença relativamente significativa de estudantes que frequentaram o subsistema de formação de professores em cursos que remetem para as ciências da educação (35,8%) (tabela 6).

Importa destacar que o predomínio de estudantes oriundos do ensino técnico profissional em cursos que remetem para a área das ciências, engenharias e tecnologia indica que muitos estudantes procuraram frequentar no 2º ciclo de ensino secundário áreas de formação muito próximas das que viriam a frequentar no ensino superior. Por aqui se pode ver

o impacto da organização dos subsistemas de ensino secundário sobre as escolhas feitas pelos estudantes aquando do ingresso no ensino. O mesmo se pode dizer dos que frequentaram o subsistema de formação de professores tendo em vista a entrada num curso da área das ciências da educação.

Tabela 6 - Escolha da área de formação segundo o subsistema frequentado no 2º ciclo do ensino secundário (%)

Áreas de formação	Subsistema frequentado no 2º ciclo			
	Ensino Geral	Ensino Técnico Profissional	Formação de Professores	Total
Ciências Humanas, Sociais, Artes e Letras	67,1	27,5	5,4	100,0
Ciências Médicas, de Saúde e Tecnologia de Saúde	73,8	14,3	11,9	100,0
Ciências, Engenharias e Tecnologias	41,4	56,8	1,8	100,0
Ciências da Educação	52,5	11,6	35,8	100,0
Total (N=973)	53,9	28,6	17,6	100,0

Fonte: (Elaboração própria).

Procurou-se também perceber que relações se estabelecem entre a trajetória escolar dos estudantes e a escolha da área de formação. Os dados analisados indicam que a opção por ciências da educação é mais frequente entre os estudantes que reprovaram uma ou mais vezes, totalizando 57,1% dos discentes da referida área. Em contrapartida, a área das ciências médicas, de saúde e tecnologia de saúde, bem como ciências humanas, sociais, artes e letras, são maioritariamente escolhidas pelos estudantes que nunca reprovaram ao longo percurso escolar (tabela 7).

Salientamos, uma vez mais, que a menor presença dos estudantes com duas ou mais reprovações em áreas de maior prestígio, provavelmente, está relacionada com as classificações por eles obtidas nos exames de ingresso para os respetivos cursos. Ou seja, os estudantes com percurso escolar irregular em termos de reprovações tendem a deparar-se com maiores dificuldades na realização dos exames de acesso comparativamente aos seus pares detentores de uma trajetória de sucesso escolar.

Tabela 7 - Escolha da área de formação, segundo o número de reprovações ao longo do trajeto escolar (%)

Área de formação	Número de reprovações ao longo do trajeto escolar			
	Sem reprovação	Uma reprovação	Duas ou mais reprovações	Total
Ciências Humanas, Sociais, Artes e Letras	56,3	32,5	11,3	100,0
Ciências Médicas, de Saúde e Tecnologia de Saúde	57,1	31,0	11,9	100,0
Ciências, Engenharias e Tecnologia	50,7	30,2	19,1	100,0
Ciências da Educação	42,9	35,8	21,3	100,0
Total (n=973)	49,0	33,2	17,8	100,0

Fonte: (Elaboração própria).

Estes dados permitem-nos concluir que as áreas de estudo de maior prestígio, à exceção das ciências, engenharias e tecnologia, são escolhidas pelos “bons estudantes”, os que revelaram capacidades positivamente avaliadas pela escola” (SILVA, 1999: p. 66). Deste modo, estes estudantes poderão aceder a profissões do “topo da estratificação, não só pelo valor de mercado, mas também pelo capital simbólico associado às mesmas” (MACHADO *et al.*, 2003: p. 70). Os estudantes detentores de um percurso marcado por uma ou mais reprovações, apesar de optarem, maioritariamente, por uma área de cariz intelectual (ciências da educação), inserir-se-ão em profissões de menor prestígio quando comparados, por exemplo, aos seus pares que frequentam a área das ciências médicas, de saúde e tecnologia de saúde.

Finalmente, os dados analisados na tabela 8 permitem constatar diferenças na opção por ciências da educação segundo as interrupções do trajeto escolar. É no caso dos estudantes com uma interrupção que se nota presença ligeiramente superior (em 3,6%) ao peso geral. Em contrapartida, no caso dos estudantes sem interrupções a opção pela referida área de formação (ciências da educação) é 4,8% inferior ao peso geral. Cabe destacar a inexistência de estudantes com múltiplas interrupções entre os discentes que optaram por áreas como ciências médicas, de saúde e tecnologia de saúde.

Estes dados confirmam a já mencionada insuficiente preparação dos futuros professores, uma vez que os seus percursos escolares são marcados por uma elevada percentagem interrupções quando comparados aos seus pares de que frequentam outras áreas

de formação. Por outras palavras, a existência de interrupções ao longo do trajeto escolar condiciona a opção por áreas de formação mais prestigiadas.

Tabela 8 - Escolha da área de formação, segundo interrupções ao longo do trajeto escolar (%)

Áreas de formação	Sem interrupções	Uma Interrupção	Duas ou mais Interrupções	Total
Ciências Humanas, Sociais, Artes e Letras	96,7	2,9	0,4	100,0
Ciências Médicas, de Saúde e Tecnologia de Saúde	97,6	2,4	0,0	100,0
Ciências, Engenharias e Tecnologias	90,6	8,3	1,1	100,0
Ciências da Educação	85,4	11,7	2,9	100,0
Total (n=970)	90,2	8,1	1,6	100,0

Fonte: (Elaboração própria)

## 8 - Notas Finais

O objetivo do presente artigo foi analisar as escolhas escolares realizadas pelos estudantes aquando do ingresso ao ensino superior, especificamente nas universidades Agostinho Neto e Mandume Ya Ndemufayo, bem como nos Institutos Superiores de Ciências da Educação (Luanda e Huíla).

No que concerne à relação entre as escolhas escolares e as origens e perfis sociais, conclui-se que: i) a escolha da área de formação varia segundo o sexo, ou seja, enquanto os rapazes escolhem preferencialmente áreas como ciências, engenharias e tecnologias, as raparigas optam de forma mais acentuada por ciências médicas, de saúde e tecnologia de saúde; ii) os estudantes descendentes de famílias mais privilegiadas em termos económicos, culturais, escolares e sociais acedem em maior número a áreas de formação de maior prestígio, particularmente, as ciências médicas, de saúde e tecnologia de saúde.

Relativamente à correlação entre o subsistema frequentado no 2º ciclo do ensino secundário e a área de formação que estudantes frequentavam no momento do inquérito, constatamos que a opção por ciências, engenharias e tecnologia predomina entre os discentes provenientes do subsistema de ensino técnico profissional. Por outras palavras, tal como já referimos, estes estudantes procuraram frequentar no 2º ciclo de ensino secundário áreas de formação muito próximas às que viriam a frequentar no ensino superior.

Quanto à relação entre as trajetórias escolares e as escolhas realizadas pelos estudantes aquando do ingresso na universidade, constatamos que a opção por ciências da educação atinge

valores percentuais mais elevados entre os estudantes detentores de percursos escolares com mais reprovações e interrupções. Este facto permite-nos concluir que a formação de base dos futuros professores não é tão sólida quando comparada à dos seus pares que frequentam outras áreas de formação.

Em resumo, a abordagem desenvolvida permitiu-nos constatar a existência de processos de elitização de determinadas áreas de formação segundo as origens sociais e as trajetórias escolares. O alargamento do número de vagas em áreas mais elitizadas e a implementação de programas de quotas para as referidas áreas são exemplos de políticas públicas que podem contribuir para a redução destas desigualdades.

Como propostas investigativas para futuros estudos, apontamos a necessidade de se analisar em profundidade o insucesso escolar (em termos de reprovações) observado em grande parte dos estudantes, especialmente entre os que optaram por “ciências da educação”. O aprofundamento desta temática é essencial, pois a má preparação de base dos futuros professores coloca em risco a qualidade de todo o processo educativo, da base ao topo.

### **Referências Bibliográficas**

- BALL, Stephanie. Classes sociais. In VAN Zanten Agnès (Org.) *Dicionário de Educação*. Petrópolis: Vozes Editora, 2011.p.111-116.
- BALSA, Casimiro; SIMÕES José Alberto; NUNES Pedro; CARMO Renato do; CAMPOS Ricardo. *Perfil dos Estudantes do Ensino Superior. Desigualdades e Diferenciação*. Lisboa: Edições Colibri, 2001.
- BOUDON, Raymond. *A Desigualdade de Oportunidades*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.
- BOURDIEU, Pierre, PASSERON Jean-Claude. *Los Herederos: Los estudiantes y la cultura*, Argentina: Siglo Veintiuno Editores, 2006.
- CARVALHO, Paulo de. Evolução e crescimento do ensino superior em Angola. *Revista Angolana de Sociologia*, n. 9, p. 51-67, jun, 2012.
- CASEIRO, Luiz Carlos Zalaf. *Desigualdades de Acesso à Educação Superior no Brasil e O plano Nacional de Educação*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2016.
- CUPITO, Emily; LANGSTEN Ray. Inclusiveness in higher education in Egypt. *Higher Education*, v. 62, n. 2, p. 183-197, aug, 2011.

- DURU-BELLAT, Marie; KIFFER, Annick; REIMER David. Patterns of social inequalities in access to higher education in France and Germany. *International Journal of Comparative Sociology*, v. 49, n.4-5, p.347-368, aug, 2008.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade Identidade Pessoal*. Oeiras: Celta Editora, 1994.
- KANDINGI, Adelina Alexandra Carlos Pio de. *A Expansão do Ensino Superior em Angola. Um Estudo sobre Impacte das Instituições de Ensino Superior Privado*, (Tese de Doutoramento em Ciências da Educação), Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), 2016.
- MACHADO, Fernando Luís; COSTA António Firmino da; MAURITTI Rosário, MARTINS Susana da Cruz; CASANOVA José Luís; ALMEIDA João Ferreira de. Classes sociais e estudantes universitários: origens, oportunidades e orientações. *Revista Critica de Ciências Sociais*, v. 66, p.45-80, out, 2003.
- MES – MINISTÉRIO DO ENSINO SUPERIOR DE ANGOLA. *Anuário Estatístico 2016*.Luanda:MES, 2016.
- NETO, Arnaldo Lopo Mont'Alvão. Tendências das desigualdades de acesso ao ensino superior no Brasil: 1982-2010. *Educação & Sociedade*, v. 35, n.127, p. 417-441, abr-jun, 2014.
- PINTO, José Marcelino de Resende. (2004), O acesso à educação superior no Brasil. *Educação & Sociedade*, v. 25, n. 88, p. 417-441, out, 2004.
- REIMER, David; POLLAK, Reinhard. The impact of social origin on the transition to tertiary education in West Germany 1983 and 1999". *Working Paper*, nº 85, Mannheim: MZES, 2005.
- SIANOY-KYRGIU, Eleni; TSIPLAKIDES Iakovos. Similar performance, but different choices: social class and higher education choice in Greece, Studies. *Higher Education*, v.36, n. 1, p. 89-102, feb, 2011.
- SILVA, Cristina Gomes da. *Escolhas Escolares, Heranças Sociais*, Oeiras: Celta Editora, 1999.
- TILAK, Jandhyala B.G. How inclusive is higher education in India?. *Social Change*, v. 45, n. 2, p. 185-223, Jun, 2015.
- VAN ZANTEN, Agnès. Individualisme et solidarité dans les choix éducatifs des familles. In PAUGAM, S. (Org.) *Repenser la Solidarité au XX Siècle*. París: PUF, 2007. p. 705-720.
- VIANA, Maria José Braga. Longevidade escolar em famílias de camadas populares. Algumas condições de possibilidade. In NOGUEIRA Maria Alice; ROMANELLI Geraldo; ZAGO Nadir (Orgs.). *Família e Escola. Trajetórias de e Escolarização em Camadas Médias e Populares*. Petrópolis: Vozes Editora, 2000. p. 45-60.
- WIESE, M. N; HEERDEN Van; JORDAN Y.; NORTH, E. A marketing perspective on choice factors considered by South African first-year students in selecting a higher education



institution a higher education institution. *Southern African Business Review*, v. 13, n.1, p.39-60, Apr, 2009.

\*\*\*

**Edgar Essuvi de Oliveira Jacob:** Licenciado em Ciências da Educação – opção História, pelo Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED-Huíla); Mestre e Doutor em Sociologia pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE-IUL). Tem desenvolvido investigação sobre a problemática das desigualdades de acesso à educação no ensino superior em Angola. Professor de História da Escola Secundária do Nambambe (Lubango/Angola). Leciona a unidade curricular Metodologia do Ensino de História no curso de Mestrado de Ensino de História de África do ISCED-Huíla.

**Como citar este artigo:**

Jacob, Edgar Essuvi de Oliveira; ESCOLHAS ESCOLARES DOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR: PERFIS E DIFERENCIAÇÃO SOCIAL. In REVISTA TRANSVERSOS. "Dossiê: REFLEXÕES SOBRE E DE ANGOLA - INSCREVENDO SABERES E PENSAMENTOS". N° 15, Abril, 2019, pp. 47- 62 Disponível em <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/transversos/index>>. ISSN 2179-7528. DOI:10.12957/transversos.2019.41842